

Violinos e atabaques: páginas do nazismo sob os trópicos

Profa. Ms. Vívien Gonzaga e Silva¹ (UFMG)

Resumo:

Publicado recentemente, O filho do holocausto: memórias (1941-1958) apresenta o registro autobiográfico da infância e adolescência do escritor, músico e compositor Jorge Mautner, tendo por motivo central sua experiência como filho de refugiados judeus, de origem austríaca, vindos para o Brasil no início da Segunda Guerra Mundial. A narrativa, na forma de relato de memórias, permite refletir sobre uma posição subjetiva ética e estética construída a partir do olhar de uma criança sobre o nazismo e sobre os efeitos nefastos da guerra. Olhar este que se apresenta mediado por uma ambientação pluricultural, pela experiência posterior de exílio e pela recriação autobiográfica, em que se vislumbra uma proposta de resistência aos modos contemporâneos de reaparição nazi-fascistas.

Palavras-chave: Jorge Mautner, memória, nazismo, judaísmo, Shoah

Uma das mais profundas visões da minha vida foi aquela que vivi, e da qual me lembro com nitidez, apesar de ela estar envolta pela névoa e pela neblina da distância e da saudade, e que se deu quando eu tinha quatro anos de idade e era o ano de 1945. Sim, era o fim da Segunda Guerra Mundial. Eu havia adormecido na noite anterior olhando para o céu da rua Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, onde nasci, e era o quarto de um pequeno apartamento alugado, onde eu morava com meu pai e minha mãe e minha babá, Lúcia, que era do candomblé. Adormeci vendo o céu de estrelas faiscando e a lua de prata. No meio de todas essas coisas faiscantes, ainda existiam luzes coloridas de fogos de artifício, rojões e seus trovões, chuvas de prata, e tudo isso com o som longínquo mas permanente de uma negra batucada. (MAUTNER, 2006. p. 15).

Quando o escritor, músico e compositor Jorge Mautner dá a público essas palavras, na introdução de suas memórias, pouco mais de sessenta anos já faziam espessar a névoa que encobre os acontecimentos ali narrados. Na condição de relato autobiográfico, o texto de Mautner apresenta-se, hoje, como mediador entre o olhar da criança diante de tantas coisas faiscantes que a seduziam e a voz do adulto, com sua dicção de militante libertário, sempre pontuada pelos relatos da experiência de seus pais, refugiados do nazismo. As informações veiculadas na mídia sobre Mautner sempre apontaram para uma personalidade multifacetada, tanto no que se refere aos seus posicionamentos políticos quanto à sua produção artística, e a publicação dessas suas memórias vem, pois, acrescentar um novo e importante aspecto à sua controversa figura pública: a de “filho do holocausto”.

Jorge Mautner nasce, no Rio de Janeiro, em 1941, pouco tempo depois da chegada de seus pais ao Brasil, na condição de refugiados da Segunda Guerra Mundial. Sua mãe, Anna, era católica, de origem iugoslava, e se ocupava dos afazeres domésticos; Paul, o pai do escritor, era judeu, dono de um conhecimento erudito, particularmente acentuado quanto à literatura e à filosofia, e, entre outras atividades, trabalhou no Brasil com a comunicação da agência de resistência judaica antinazista.

De acordo com o relato de Mautner, seus pais chegaram ao Rio de Janeiro, estabelecendo-se ali, no início da década de 1940, vindos, segundo o memorialista, de um “périple de viagem de fuga que durou meses e incluiu uma longa estadia na Itália fascista” (MAUTNER, 2006. p. 24), onde foram acolhidos no Vaticano, enquanto aguardavam um passe de imigração para os Estados Unidos, trocado, em razão da demora e do agravamento do cerco nazista, por um visto brasileiro.

A herança dos pais, a memória da *Shoah*, compartilhada nas refeições da família, principalmente durante a infância de Mautner, é o solo do qual irá retirar o substrato que, inevitavelmente, alimentará sua própria compreensão dos fatos. Diz o escritor:

Eu fui educado nessas memórias, e essas memórias são a alma e a carne viva da minha vida, desde a minha infância, até os dias de hoje, em direção à eternidade. Tudo o que escrevi, compus, falei e senti gira e girará em torno disso. (MAUTNER, 2006. p. 26).

Seguindo o texto de Mautner, tomamos conhecimento de que muitos de seus parentes paternos foram assassinados nos campos de concentração, assim como foi dizimada quase toda a família de sua mãe, fato assim explicado no livro:

todos os meus tios, irmãos dela, lutaram na resistência antinazista da Iugoslávia de então, sob as ordens de Tito. E os nazistas em retirada de derrota ainda mataram meu avô e minha avó por parte materna, porque os dois velhinhos, antes da retirada dos nazistas de sua aldeia, hastearam a bandeira vermelha e socialista da Iugoslávia na janela da casa em que moravam, sendo mortos por rajadas de metralhadora pelos assassinos de uniforme em retirada, como último ato de vingança. (MAUTNER, 2006. p. 25-26).

Se, por um lado, o relato é demarcado por referências precisas a datas e locais, por descrições de acontecimentos que aludem ao curso da guerra na Europa, além de fatos que vinculam a história política brasileira ao ideário nazista, por outro, avizinha-se ao registro de visitas fortuitas ao lábil terreno da memória. Nessas visitas, a experiência da infância é recriada aos poucos, em fragmentos que retomam, numa cronologia irregular, a gradativa construção de sentido acerca de uma condição incomum, mesclada pela vivência familiar ao mesmo tempo atormentada pela sombra do “demônio inferior de Adolph Hitler” (MAUTNER, 2006. p. 23) e a crença de que o Brasil, “país maravilhoso e abençoado”, oferecia uma privilegiada oportunidade de expurgo de “uma origem torturada e enlouquecida pelo Holocausto”, como diz o escritor ao lembrar as conversas com o pai (MAUTNER, 2006. p. 60).

A figura paterna parece ter exercido significativa influência na formação do jovem Mautner, contribuindo para a configuração de uma posição muito particular diante da vida. Apresentado como um homem genial, Paul, embora judeu de família tradicional, é descrito como “um livre pensador e ateu”, que, tendo lutado na Primeira Guerra, foi capturado pelo exército da Rússia Imperial, presenciando, no campo de prisioneiros, a mudança de comando das mãos dos czaristas para os anarquistas, e depois para os bolcheviques. Ao fim da guerra, Paul teria viajado pelo Oriente e, ao retornar à Áustria, já republicana, tornou-se banqueiro, passando a frequentar a alta sociedade vienense. É dessa época o casamento com Anna, cuja imagem cristalizada na memória do escritor remete a uma lindíssima cristã dostoevskiana da Igreja Ortodoxa, “com um verbo incendiado de paixão, compaixão, liberdade e perdão” (Cf. MAUTNER, 2006. p. 22-23).

Naquilo que o autor chama de “entreato” localizado entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, estaria o período mais feliz do casal, vivido em viagens e cassinos. Porém, o casamento seria desfeito, no Brasil, em razão do apreço que Paul alimentava pelo jogo e pelas viagens de aventura. Mas, acima de tudo, o relato de Mautner aponta para uma incompatibilidade insuperável das relações que seus pais estabeleceram com o passado doloroso da guerra e com a memória da *Shoah*. Para Paul, tudo havia ficado para trás e bastava viver o presente, enquanto Anna adoecia, pouco a pouco, amargando suas recordações, em especial, a do afastamento de sua filha Susana, enviada para a Inglaterra, por motivos de segurança, poucos meses antes da fuga para o Brasil, e com a qual Mautner somente restabeleceria contato recentemente.

Após a separação legal, Anna uniu-se ao músico alemão Henri Muller, transferindo-se para São Paulo, onde seriam provisoriamente hospedados pela família do novo companheiro. Ali, Mautner, com sete anos, enfrentaria a rispidez de “vovó Memér”, uma parisiense que desaprovava a

união do filho “com uma mulher mais velha, pobre, desquitada e ainda por cima com um filho mestiço de judeu” (MAUTNER, 2006. p. 47) e a convivência paradoxal com a doçura e o carinho do “vovô Henri”, um pintor impressionista-naturalista, nazista exaltado, que fizera sua esposa francesa chorar ao colocar uma imensa bandeira com a suástica na parede de seu atelier, quando Hitler invade Paris.

Pouco depois, a família se instalaria num sobrado da rua Itapeva, onde Mautner passaria o resto da infância e toda a adolescência, superando paulatinamente a brusca mudança do Rio de Janeiro, assim narrada pelo escritor: “Eu chegava a uma imensa megalópole numa atmosfera de garoa fria e incessante, que pintava de cinzenta melancolia todas as coisas e o meu coração. Vim morar nesta São Paulo, que de início odiei e que só vim a amar para sempre, [...] quando acabei de ler pela primeira vez os *Sermões* de Padre Antonio Vieira” (MAUTNER, 2006. p. 46). Havia já dez anos que a capital paulista acolhera a família, e, segundo Mautner, a leitura de Vieira deflagra, nesse momento, sua grande “reviravolta”, a partir da qual ele passa a escrever sem parar,

com o estilo determinado pelo conteúdo cheio de contradições heraclitianas [...] fazendo os opostos em fúria unirem-se em atos de paixão e de mistérios infinitos [...] Acolhendo todas as dores e memórias do Holocausto, a dádiva maravilhosa de ter nascido no Brasil, amando a paulicéia desvairada, inventando a minha filosofia do Kaos e minha literatura, tornando-me gente e escritor, profeta precoce (MAUTNER, 2006. p. 46).

Até esse momento aparentemente decisivo para o início da carreira do escritor, a difícil adaptação à nova cidade será facilitada principalmente pelo convívio familiar, do qual o pai não se ausentaria, tendo-se mudado de imediato para uma casa vizinha a de Henri e Anna, passando a participar das refeições diárias e das longas conversas que parecem ter marcado o pequeno Jorge com um significado especial: “As conversas mais inacreditáveis sobre todos os assuntos, políticos, filosóficos, pessoais, música, teatro, cinema, psicanálise, ciência. Não era uma casa de família normal. Era um centro de debates filosóficos permanente. [...] Ao mesmo tempo em que eu aprendia violino com meu padrasto, meu pai me inundava de literatura, de todos os países” (MAUTNER, 2006. p. 50). Nesse clima de fervor intelectual, em que tudo desabrochava em “tempestades que levavam até a brigas momentâneas”, conta o escritor, incluíam-se as “lembranças do Holocausto, lembranças da vida antes do Holocausto, meu pai mudando de assunto e adornando tudo com piadas judaicas imortais”. Mas, conclui, “Apesar da angústia, a vida era divertida.” (MAUTNER, 2006. p. 50).

É também em razão desse contato intenso com os relatos da *Shoah* que Mautner diz ter sido levado a pôr em prática talvez o seu projeto mais complexo, o Partido do Kaos, “um escudo de almas reunidas e uma fortaleza de eterno ataque” (MAUTNER, 2006. p. 105). A idéia surgiu-lhe quando, aos dez anos, foi presenteado pelo pai com livros que tratavam do Processo de Nuremberg, dos campos de concentração nazistas e da história do Terceiro Reich. Segundo ele, nesse mesmo dia, enquanto saboreavam chá com torradas, servidos pela mãe, ao som do violino do padrasto, que ensaiava no andar de cima, Paul lhe teria dito: “– Meu filho, jamais se esqueça disso: os nazistas não acabaram, eles continuam por aí, alguns disfarçados, outros nem isso, prontos para voltarem a nos assassinar” (MAUTNER, 2006. p. 105).

Tempos mais tarde, Mautner fundaria o Partido do Kaos, com amigos da rua Itapeva e do Colégio Dante Alighieri, cerca de quarenta membros que se encontravam em “reuniões intermináveis, falando, namorando, rindo e filosofando sobre a história do Brasil e a história do mundo” (MAUTNER, 2006. p. 107), e que, numa de suas manifestações de rua, seriam confundidos com neo-nazistas por um rabino. Esse fato, algo inverossímil, teria desencadeado, por parte do escritor, algumas reflexões quanto ao “absurdo em sua totalidade imperando e determinando a vida em toda a sua duração” (MAUTNER, 2006. p. 109); mas, por outro lado, aguçaria sua visão romântica e utópica sobre os acontecimentos, através da qual Mautner concebe a realidade,

pensando, naquele momento, que “a sublime época do humanismo total chegaria em breve”, e mais, que ele era um de seus profetas, e o Brasil, a terra prometida.

Nas palavras de Mautner, o partido

representava e representa um esforço de vontade de absorver os opostos e harmonizar as dissonâncias. A sua meta era e é a amálgama, e neste sentido não faço mais nada a não ser repetir e reinterpretar a grande criação brasileira, que é um presente para o mundo e que é justamente a sua cultura, [...] a própria cultura do amálgama, em perpétuo movimento dadivoso e criativo, sendo antropofágica e, ao mesmo tempo, reconciliadora (MAUTNER, 2006. p. 106-107).

O uso ostensivo de superlativos, a ênfase em certos atributos que exaltam seus familiares e amigos, o lirismo exacerbado na descrição minuciosa da paisagem e na reprodução de diálogos ocorridos no tempo remoto da infância conformam um relato emocionado, um discurso hiperbólico a revelar uma compreensão idealizada da guerra – concentrada, quase que num processo metonímico, na imagem da caixa de veludo azul onde se encontravam as medalhas conquistadas pelo pai durante a guerra, e que, “brilhando como estrelas fulgurantes” (MAUTNER, 2006. p. 105), fascinavam o menino que sonhava, desde muito cedo, em tornar-se um oficial das Forças Armadas. Essa obsessão infantil será definitivamente frustrada quando, ao realizar um teste para a Academia Militar das Agulhas Negras, Mautner é reprovado em razão da miopia. No entanto, passará a acalantar o sonho de “criar um exército revolucionário de artistas e poetas” (MAUTNER, 2006. p. 120).

Também idealizada será a figura de Getúlio Vargas, cuja mudança de posicionamento político, durante a Segunda Guerra, culminando na adesão do Brasil aos países aliados, teria resultado, de acordo com o escritor, dos esforços de seu pai enquanto integrante da Agência Interamericana, com sede em Washington, que reunia os membros da resistência judaica na luta contra os nazistas.

À medida que, na narrativa, vemos a consolidação gradual de um mundo filtrado pelo olhar poético e romantizado, vai despontando, como observa Caetano Veloso, no prefácio do livro, também um Brasil mitológico, emblematizado, nas inúmeras menções feitas pelo autor, pela figura de Lúcia, sua babá no Rio de Janeiro, ialorixá do candomblé. Lúcia parece representar, no imaginário do poeta em formação, a certeza de haver uma boa essência brasileira, calcada na mestiçagem, de modo geral, e na presença do elemento negro, em particular. Com Lúcia, o menino ia assistir a missas e celebrações de casamentos na Igreja da Glória, mas o adulto se lembra, principalmente, e com grande dose de nostalgia, de participar das cerimônias no terreiro comandado pela jovem mãe-de-santo:

ia passar os fins de semana naquele ambiente sagrado e fascinante, a religião dos tambores do paganismo original, a minha babá transfigurada em fulgurante e soberana rainha, com aquele turbante prateado faiscando na minha frente. E a noite caía e eu adormecia embalado pelos batuques nos braços do amor e da doçura negra (MAUTNER, 2006. p. 33).

Os sons dos tambores da infância no Rio de Janeiro mesclam-se, então, aos acordes do violino aprendido com Henri, já em São Paulo, nas aulas diárias e nos concertos musicais eruditos, na ópera e no balé freqüentados com o padrasto. Ao mesmo tempo, a música popular brasileira, aplaudida e aprendida nos auditórios da Rádio Nacional e nas festas em que Henri, primeiro viola do Teatro Municipal, tocava para aumentar o modesto salário, viria também compor o mosaico das incontáveis referências que confluíam na alma do futuro artista. Nascido e formado no terreno da diversidade, Mautner afirma que, para ele, desde aquela época, “a arte erudita e a arte popular eram a mesma coisa, tinham a mesma importância e relevância, fossem musicais, literárias ou filosóficas. E, se fosse para escolher uma em detrimento da outra, eu ficaria sem dúvida com aquela que tinha a alma e a labareda dos batuques” (MAUTNER, 2006. p. 106). Essa escolha, porém, parece nunca ter se

mostrado necessária, e suas memórias são entretecidas como uma espécie de celebração da mistura, da simultaneidade, na qual coexistem, em “misteriosas harmonias fugidias” (MAUTNER, 2006. p. 156), Ismael Silva, Aracy de Almeida e Jonny Alf; Kafka, Nietzsche e os cordelistas do Nordeste do país; o maracatu, a congada e Villa-Lobos; o *blues* norte-americano e a bateria da Escola de Samba Vai-Vai, a música dodecafônica e as toadas sertanejas. Nessa escrita encantada pela multiplicidade, a reconstituição do passado ordena-se, pois, sob o amparo das teorias de Gilberto Freyre, reafirmando a cada momento a crença de que no Brasil, abaixo da linha do equador, “as diferenças não se hostilizam” (MAUTNER, 2006. p. 107), e correndo à margem, portanto, das discussões mais recentes acerca dos desdobramentos perversos da mestiçagem, dos nacionalismos exacerbados, das expressões anti-semitas.

É desse modo que o texto de Mautner desnuda uma expressão subjetiva extremamente complexa, múltipla, muitas vezes manifesta por antagonismos, paradoxos, contradições próprias ao movimento de livre acesso ao arquivo desordenado da memória e também ao universo amalgamado que parece estar na base do seu desejo de escrita: “Eu sempre tive que conciliar (se isso é possível) os escombros medonhos das almas mortas no sangue do Holocausto com a mais aguda e estonteante felicidade de ter nascido no Brasil, envolto pelos batuques dos descendentes de escravos que construíram esta nação!” (MAUTNER, 2006. p. 98).

Esse relato autobiográfico, escrito, segundo Mautner, “para atingir a salvação” (MAUTNER, 2006. p. 99), apresenta-se, assim, como esse esforço de conciliação, por meio de um texto reflexivo, pungente, algo fantasioso, construído a partir dessa subjetividade peculiar, que se movimenta livremente entre a invenção da criança e a memória do adulto, talvez como manifestação do seu “respeito total à estranheza dos outros” e em relação à sua própria e monumental estranheza (MAUTNER, 2006. p. 129); talvez como forma de dar sentido ao que é absurdo, inconcebível, resumido, em suas palavras, pela presença invencível do Holocausto “em meio a toda esta alegria tropical brasileira da eterna ressurreição!” (MAUTNER, 2006. p. 135).

Referências Bibliográficas

[1] MAUTNER, Jorge. **O filho do holocausto**: memórias (1941-1958). Rio de Janeiro: Agir, 2006.

Autor(es)

¹ **Vívien Gonzaga e SILVA, Profa. Ms.**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Colégio Técnico (COLTEC)
vivienlit@gmail.com